

Quinta-feira, 7 de Agosto de 1958

RUBEM BRAGA

O QUE NÃO HÁ

EU, de meu gosto mesmo, até que sou meio anarquista, não gosto de horário, de ordem nem de fila. Mas, ou a gente vai morar sozinho no fundo do mato, ou tem de aguentar a presença dos outros. Então é preciso entrar em um acôrdo, resolver o que se pode e não se pode, se deve e não se deve fazer. Em resumo, precisamos de um govêrno. O que evitaria, por exemplo, coisas assim:

a) O Exército existe para manter a ordem por atacado, a Polícia existe para manter a ordem a varejo. Um oficial do Exército bebe demais, faz desordem (a varejo), a Polícia intervém, então outros oficiais e praças do Exército arrebatam a Delegacia de Polícia, espancam autoridades civis, fazem desordem por atacado. Isso em pleno dia, no centro da capital da República, em frente ao Palácio de Justiça, entre a Câmara e o Senado. Inquérito para apurar e punir os culpados, «doa a quem doer» — frase, se não me engano, do ministro Lott. Sentença: todos absolvidos por «deficiência de provas».

Doeu a quem doeu: aos espancados. Não doeu nada, aparentemente, ao oficial superior do Exército que é chefe de Polícia.

b) Temos um Jardim Zoológico. Muitos bichos estão ainda mal instalados. As onças ganharam um parque lindo, onde crescem e se multiplicam. Fala-se agora em reformar a Quinta, onde está o Jardim. Primeira idéia: meter as onças nas jaulas outra vez. Mas logo nesta cidade, cheia de amigos da onça?

c) Tropa embarcada para Suez. O ministro da Guerra vai lá ao cais do Pôrto, passa em revista a tropa, faz discurso, dá adeus. As famílias dos soldados também se despedem chorando, beijando, abraçando. Uma semana depois o navio continua no Pôrto. Por que? Porque há um Ministério da Guerra, há um Ministério da Marinha e há um Ministério da Fazenda. Não há é govêrno.

Chega, ou querem mais?